

Ribeiro, Valécia. Em/Entre um Ser Há/e um Outro – Processos Poéticos entre o Corpo do Artista e sua Própria Imagem na Mediação Tecnológica. Salvador: Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas – Universidade Federal da Bahia (PPGAC – UFBA); Doutoranda; Professora Orientadora Ivani Santana. Artista visual.

RESUMO

O desenvolvimento das tecnologias digitais vem transformando a criação do artista ao trabalhar sua própria imagem, a percepção do seu corpo e, assim, a construção da própria obra, o que tem proporcionado novos entendimentos sobre o que é ser corpo na contemporaneidade, sobre a maneira como nos vemos e acessamos nosso corpo, abrindo diferentes possibilidades de expressão com as mídias contemporâneas. A exposição ***Em/Entre um ser há/e um outro*** faz parte de um processo colaborativo de criação entre a artista visual Valécia Ribeiro (Brasil), dentro da sua pesquisa de doutorado sobre a relação corpo-imagem que realiza no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas na Universidade Federal da Bahia – PPGAC – UFBA e o artista e músico Cyrille Brissot (França) na investigação das possibilidades de expressão na interação com as novas mídias, a partir da sua atuação no “Institut de Recherche et de Coordination Acoustique/Musique” – IRCAM. O projeto envolve diversos meios de expressão: fotografia, vídeo, performance, instalação, pintura etc., explorando diferentes linguagens da arte contemporânea na convergência desses meios no digital. A criação artística desse trabalho explora a fusão dos corpos, das imagens e dos meios, partindo da impossibilidade de ter corpo sem a relação das tramas culturais de imagens que se superpõem a todo momento, propondo, assim, a interação corpo e imagem. As obras que compõem a exposição ***Em/Entre um ser há/e um outro*** — realizada em novembro de 2010 no MAM – Museu de Arte Moderna da Bahia com a curadoria de Ivani Santana —, fazem parte de uma mesma poética: uma poética da fusão, criada pela transparência, na qual as imagens se sobrepõem umas às outras, se amalgamam, para criar novos corpos, novos sentidos, nos quais não é mais possível definir onde estão os limites entre ser um e outro. Um outro que é também o próprio mundo.

Palavras-chave: Corpo. Imagem. Mediação Tecnológica. Processo de Criação.

RÉSUMÉ

Le développement des technologies numériques a transformé la création de l'artiste lorsque celui-ci travaille sur sa propre image, la perception de son corps et donc la construction de l'oeuvre elle-même. Ceci offre de nouveaux éclairages sur ce que signifie être corps dans la contemporanéité, sur la manière dont nous nous voyons et accédons à notre corps, ouvrant différentes possibilités d'expression avec les médias contemporains. L'exposition “Dans/Entre un être il y a/et un autre” fait partie d'un processus collaboratif de création entre l'Artiste visuel Valécia Ribeiro (Brésil), dont la thèse de doctorat porte sur la relation corps-image (thèse réalisée dans le Programme d'Etudes Supérieures en Arts Scénique à l'Universidade Federal da Bahia - PPGAC –

UFBA) et l'Artiste, musicien Cyrille Brissot (France) spécialiste des techniques d'expression portant sur l'interaction avec les nouveaux médias (recherches réalisées dans l' "Institut de Recherche et de Coordination Acoustique/Musique" — IRCAM). Le projet englobe divers moyens d'expression : la photographie, la vidéo, la performance, l'installation, la peinture, etc., et explore différents langages de l'art contemporain dans la convergence de ces médias dans le numérique. La création artistique de ce travail explore la fusion des corps, des images et des médias, en partant de l'impossibilité d'avoir un corps sans la relation des trames culturelles d'images qui se superposent à tout moment, en proposant, par conséquent, l'interaction entre le corps et l'image. Les oeuvres qui composent l'exposition "Dans/Entre un être il y a/et un autre" — qui s'est tenue à novembre 2010 au MAM – Museu de Arte Moderna da Bahia, ayant pour curatrice Ivani Santana — font parties d'une même poétique : une poétique de la fusion, créée par la transparence, dans laquelle les images se chevauchent les unes aux autres, s'amalgament, afin de créer nouveaux corps, nouvelles significations, dans lesquelles il n'est plus possible de définir où sont les frontières entre être soit être "m", soit être "autre". Un autre qui est aussi le propre monde.

Mots clés: Corps. Image. Médiation Technologique. Processus de Création.

Os limites do indivíduo são sempre móveis, flexíveis, uma vez que o corpo se apresenta como uma rede de conexões com o ambiente externo e interno. A discussão sobre a oposição entre interioridade e exterioridade, orgânico e inorgânico, natural e artificial se revigora com as novas tecnologias, ações que vão desde os procedimentos da biologia molecular às novas modalidades de experiência na arte digital que se focalizam em liberar o corpo dos seus limites biológicos.

Difícil de identificar, o limite entre o corpo e o mundo é em geral *floco*, uma vez que a relação *corpo-ambiente* não acontece de uma forma estática em que um influencia o outro, mas como um processo de duas vias que provoca um movimento de reorganização em ambas as direções, entre dois sistemas sígnicos que trocam informações num processo evolutivo. Segundo a pesquisadora Christine Greiner, "pensar nas relações entre corpo e cultura e até mesmo em multiculturalismo a partir destas reflexões é reconhecer que a preservação de limites é uma ficção" (GREINER, 2006, p.104), uma vez que o fluxo de pensamentos se encontra no *continuum* entre natureza e cultura.

Nesse sentido, as intenções artísticas da exposição ***Em/Entre um ser há/e um outro*** encontraram ressonância no pensamento do filósofo Georges Bataille (1897-1962) em *O Erotismo* (1987), cujos fragmentos constituem ao mesmo tempo fundamentação poética e matéria para criação, permeando a própria obra em alguns momentos. Segundo Bataille, o Erotismo é a supressão dos limites, a possibilidade de continuidade, no desejo que nos move a uma fusão com a vida. Na busca permanente pela satisfação do desejo de continuidade, o Erotismo traz a possibilidade da fusão, fio condutor de todo este processo.

O processo criativo tem como imagem geradora a fotografia de cacos de vidro num muro, utilizados habitualmente para proteger a casa, estabelecendo uma

fronteira. Na captura dessas imagens, surgem dúvidas sobre a validade dessas barreiras, uma vez que a imposição de limites se apresenta como uma contradição com o nosso desejo de interagir com o outro, fundamental na construção do *eu*.

Segundo Lakoff e Johson, “Poucos instintos humanos são mais básicos do que a territorialidade” (2002, p. 82), e essa definição de território se faz através da demarcação de fronteiras. “Experenciamos muitas coisas, por meio da visão e do tato, como tendo fronteiras definidas e, quando as coisas não têm fronteiras definidas, frequentemente projetamos fronteiras nelas [...]” (2002, p. 130). Sobre as metáforas de recipientes, na diferenciação entre o que está dentro e está fora, Lakoff e Johson (2002, p. 81) colocam: “Nós somos seres físicos demarcados e separados do resto do mundo pela superfície de nossas peles; experienciamos o resto do mundo como algo fora de nós”. Assim, na fusão digital da imagem do corpo da artista com os cacos de vidro, como também na nossa experiência cotidiana, vemos o corpo como uma espécie de fronteira, embora não conseguimos discernir onde estão esses limites, onde começa e termina o *eu*.

Neste processo de criação a matéria utilizada vai desde aquelas que possuem uma fisicalidade incontestável como vidros, passando por outras mais fluidas como a pintura, as palavras, outras mais etéreas como imagens, algumas ainda de ordem conceitual, por se tratarem de qualidade, como transparência e violência. As matérias escolhidas — vidros, água, transparência, palavras, fragmentos de textos, registros visuais — produzem imagens que geram questionamentos sobre os limites da nossa individualidade, no sentido de até que ponto nós desejamos esses limites e mesmo a impossibilidade de existência desses limites.

As imagens da instalação ***Entre um ser e um outro*** (*assemblage* e vídeo), geradas a partir da fusão digital do corpo da artista com os vidros, se apresentam como uma transgressão ao próprio corpo, dissolvendo os limites de proteção. Na *assemblage* ***Entre um ser e um outro*** as imagens e os materiais (partes do corpo, palavras quebradas, fragmentos de texto, cacos de vidros) falam de uma poética da fragmentação, mas numa dispersão que corresponde a uma necessidade violenta de reunião com o universo, onde mesmo as partes podem manter sua integridade, como as palavras cortadas que mesmo na sua incompletude podemos apreender o seu significado, através de códigos já interiorizados. Na utilização da técnica *mixed media*, por meio da qual se misturam texturas (terra), colagens de fotografias digitais, desenhos, o gesto da pintura parece reconstituir, reintegrar esse corpo.

As caixas de acrílico repletas de cacos de vidro dão a ver as imagens do corpo que protegem, afirmando que a transparência traz a possibilidade de ver através dos limites, não se trata de uma barreira intransponível. Os copos e taças, ainda inteiros, colados no muro da galeria, dispostos de uma forma orgânica, fazendo curvas em linhas imaginárias, dizem respeito à coletividade como parte da individualidade e vice-versa, e também ao próprio processo conjunto de criação, em uma metáfora que o *eu* é também o *outro*.

Ao *eu assemblage* — o *eu matéria* constituído de cacos de vidros, colagens, fotografias etc. — se juntou o movimento das *imagens de si*, do corpo da artista, no vídeo que completa a instalação ***Entre um ser e um outro***. O vídeo se desenvolve com base nas diferentes fusões do corpo da artista com os cacos de vidro no muro. Numa escritura visual performativa, a essa sequência foram acrescentadas imagens de superfícies de vidros rachados que partidos pela ação do fogo, como um ferimento, remetem a fendas que se abrem no corpo na incrustação dos pedaços de vidro. Essas imagens se intercalam numa movimentação frenética ao som de ruídos, que reforçam a ideia de ruptura, criando um espécie de fratura entre o ver e não ver. Os textos de *O Erotismo* (1987) e *L'Erotisme* (1957), de Georges Bataille — também descontínuos na forma e na linguagem se apresentando ora em português, ora em francês — se sobrepõem às imagens e aos ruídos, criados pelo som e pelas próprias imagens. A presença da imagem dos escritos de Bataille indica que é possível encontrar um sentido de continuidade na descontinuidade.

No movimento criador de uma obra em constante mudança, a partir desses processos de ruptura, a imagem da água — principal elemento constituinte do nosso organismo e da nossa Terra — nos aponta uma possibilidade de continuidade. As imagens fraturadas do vídeo ***Entre um ser e um outro***, a rapidez com que elas se sucedem, se opõem ao movimento brando e fluido das imagens imersas no lago do vídeo intitulado ***Em um ser há um outro***. Nesse contexto, a água constitui uma matéria fundamental para construção das outras obras que compõem a exposição.

No vídeo ***Em um ser há um outro*** a integração com o mundo se manifesta na fusão do corpo com os elementos naturais da paisagem e essencialmente com a água, da qual não somente o corpo faz parte desse mundo natural, mas se revela como a própria natureza, não sendo mais possível discernir os limites no fluxo de imagens entre o exterior e o interior.

A manipulação digital das imagens fotográficas possibilitou colocar o corpo da artista imbricado na profundidade do lago, criando novas possibilidades de ação, e assim novas formas de presença. O corpo, nesse caso, opera deslocamentos que colocam em questão formas de percepção e localização espacial, proporcionando, através de uma situação desconexa, outras possíveis construções mentais do tempo-espaço. A fusão das imagens, com o desaparecimento gradativo de uma imagem simultânea ao aparecimento de outra, coloca a questão se o corpo está realmente ali.

A transparência da água no lago e nas imagens permite ver os aspectos mais profundos, a vida e a morte que existe no fundo do lago, a terra, a decomposição e o corpo que não se sabe se ainda é vivo ou morto. É nessa ambiguidade entre o movimento e a imobilidade gerada nas relações entre os diferentes meios no ambiente digital — a ação imobilizada na performance pelo dispositivo fotográfico, o movimento na fotografia e o vídeo constituído por imagens fixas — que o corpo se apresenta nas possibilidades do acontecimento nas imagens, uma vez que a performance se estabelece nas relações que a mediação tecnológica pode provocar.

A repetição da sequência das imagens do olho misturadas à água do lago em movimento, remete, sobretudo, ao olhar autobiográfico, que se aproxima e se distancia, na obra, e em si mesmo, que escapa da mão do outro que tenta conduzi-lo, tendo o olhar como uma construção social. A metáfora do olho aparece em uma variação da metáfora do espelho. Quando dizemos que os olhos são espelhos d'alma ao demonstrar nossas emoções, queremos dizer que podemos ver através deles, então, o olho é um espelho transparente. O que permanece na última imagem é o olhar, sem o outro, só a água e a fluidez de estar no mundo.

Na videoinstalação ***Em um ser há um outro*** o vídeo é visto através de um recipiente de vidro com água, apoiado num suporte que contém o monitor disposto horizontalmente; assim as imagens são visualizadas como quando nos debruçamos numa fonte. Um movimento de imersão foi adicionado digitalmente às imagens do vídeo, e quando o fruidor toca a água tem a impressão de mover as imagens, e no sentido analógico ele realmente move. Não há nenhuma instrução para tocar a água, então, muitas pessoas demonstram receio — com exceção das crianças que imediatamente querem colocar suas mãos na água e compartilhar sua experiência com os outros —, algumas nem tocam, mas muitas perguntam o que acontece se tocar. Comportamentos ainda sutis, esses movimentos do público apresentam uma mudança no estatuto do corpo diante da tela, de alguma forma na cultura digital esperamos a mediação, nesse caso esperamos a interação através de algum *software* complexo que movimenta as imagens do vídeo cada vez que alguém interage com a água, o que não deixa de ser uma outra possibilidade. A videoinstalação ***Em um ser há um outro*** lembra que a interação na arte é sempre uma possibilidade, uma vez que, em qualquer situação, a interação constitui em si mesma a possibilidade de realização da obra numa criação¹ em constante movimento de uma poética em permanente construção.

Ao desejo de interagir, o digital vem acrescentar outras possibilidades de sua realização concreta. A instalação ***À quoi tu penses?***, desde o título, tem a intenção de incitar o fruidor a tomar uma posição diante de uma obra, a se reposicionar em relação à interatividade que as novas tecnologias proporcionam na arte, no sentido de que aquilo que você pensa, o que você diz, muda a obra. Nesse caso, a mudança é literalmente visível na alteração da imagem e do som. Na entrada da exposição o fruidor pode falar num microfone e o som da sua voz intervém na imagem em tempo real, alterando de imediato o fluxo da água e deformando sua própria imagem. Nesse momento é o som que dá corpo à imagem, a água que se movimenta em função do pensamento do corpo que não cessa de fluir, transformando seu próprio reflexo na água, que são também reflexos da imagem do artista que codificou a obra.

O título ***À quoi tu penses?*** joga ainda com a relação do som e a imagem que formamos em nossa mente. A pronúncia de “À quoi” em francês sugere o som da palavra “água” em português. O que é dito no microfone intervém ainda no som da instalação que tem como base a repetição da pergunta “À quoi tu penses?”, na qual o som da palavra “Água” e “À quoi” se confundem,

¹ Este trabalho é articulado a partir do conceito de criação como rede em processo conforme abordagem da pesquisadora Cecília Salles (2008).

ressoando no ambiente e remetendo à imagem da água que é projetada sobre a parede. Dessa maneira, o som do ambiente é gerado pelas intervenções do público que são inseridas em momentos diferentes que aquele da ação, misturando-se à voz da artista e surpreendendo o fruidor com a possibilidade de criação do seu corpo, da sua voz.

Na instalação ***Entre ser um e outro***, a tela de projeção de acrílico trabalhada com uma pintura gestual, faz referência às intenções artísticas voltadas para a importância da ação, da gestualidade, da inserção do corpo no processo artístico. Nessa instalação interativa, o programa desenvolvido especificamente para captura do gesto através de sinais luminosos dialoga com as possibilidades de intervenções, no corpo e no ambiente, proporcionadas pelas tecnologias numéricas, relembando e recontextualizando as experiências de Marey, Muybridge e Duchamp na visualização do movimento no corpo. Em ***Entre ser um e outro***, a imagem do corpo do fruidor é projetada em tempo real recriando seu corpo num outro universo, imerso na própria obra; numa hora o corpo é dissolvido no ambiente, submerso na água, e em outra é o ambiente que está em fusão com seu próprio corpo, incorporado à sua imagem. Na interação é dada ao fruidor também a possibilidade de recriar sua imagem com o seu próprio corpo, através dos seus movimentos, ou mesmo apagá-la completamente.

O título da exposição ***Em/Entre um ser há/e um outro*** é uma metáfora visual das diversas combinações possíveis entre o *eu* e o *outro* — que geraram os títulos das obras — e da própria relação dos artistas, interação fundamental para a construção da poética que permeia a obra como um todo. Na transparência das obras, os limites não são mais tão rígidos, pelo contrário nos incitam a penetrar no espaço; podemos ver através do vidro, da água, das imagens, e, assim, somos seduzidos por um mundo transparente, infinito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BATAILLE, Georges. **O Erotismo**. Trad. Antonio Carlos Viana. Porto Alegre: L&PM, 1987.
- BATAILLE, Georges. **L'Érotisme**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1957.
- GREINER, Christine. **O corpo: pistas para estudos indisciplinados**. São Paulo: Annablume, 2006.
- LAKOFF, George, Mark JOHNSON. **Metáforas da Vida Cotidiana**. Coord. Trad. Maria Sophia Zanotto. Campinas, SP: Mercado de Letras; São Paulo: Educ, 2002.
- SALLES, Cecília Almeida. **Redes da Criação** – construção da obra de arte. 2. ed. São Paulo: Editora Horizonte, 2008.